



A Comunicação a serviço da cidadania e identidade de adolescentes¹

Cláudia Regina Lahni²

Fernanda Coelho³

Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo

O estudo mostra uma breve análise histórica da situação da juventude no Brasil e aborda o tema da Educomunicação, apontando-o como uma metodologia do uso da comunicação, em especial do rádio, como instrumento para a contribuição do exercício da cidadania dos jovens, principalmente das classes populares, no Brasil. Algumas iniciativas são apresentadas como meios para se chegar a tal objetivo. É o caso do projeto *Jornal e Rádio no UFJF: Território de Oportunidades*, sobre o qual foi feita uma pesquisa (quantitativa e qualitativa) com os participantes e cujos resultados estão parcialmente dispostos neste artigo.

Cidadania; Comunicação Comunitária; Juventude e Rádio.

Introdução

O presente trabalho pretende verificar a importância da comunicação e especialmente do rádio para a cidadania dos jovens. A comunicação é aqui apresentada como um instrumento de contribuição para o exercício da cidadania e fortalecimento da identidade juvenis. Vale ressaltar que são nomeados jovens, aqui, indivíduos compreendidos na faixa de 12 a 18 anos. Começamos o artigo por um breve histórico das políticas de atendimento à juventude no Brasil. Tais políticas, em geral, foram e são marcadas pela negligência e abandono para com toda essa população. Como resultado, aqueles oriundos das classes desfavorecidas tendem a sofrer mais as conseqüências de tal negligência.

Em pesquisa recente publicada na revista *Carta Capital*, dados alarmantes chocam aqueles que se preocupam com o futuro da juventude no país. Os jovens brasileiros estão morrendo cada vez mais vítimas de homicídios. A reportagem apresenta jovens que, ao receberem uma oportunidade, se agarram a ela e mostram que a situação pode ser diferente.¹

¹ Trabalho apresentado ao XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - NP Comunicação para a Cidadania.

² Professora da graduação e do mestrado da Facom-UFJF. Mestre e Doutora pela ECA-USP.

³ Graduanda em Comunicação Social pela UFJF. Bolsista PIBIC – CNPQ.



Como exemplo tem-se o Observatório de Favelas, que é um instituto que produz e divulga informação científica das favelas.

O jovem negro, que está principalmente na camada pobre da sociedade, precisa ter sua cultura valorizada e respeitada e estar ciente e repleto de sua identidade. Para que isso aconteça é necessário que haja iniciativa. Iniciativas que devem partir da sociedade, das autoridades e dos educadores. Nesse sentido a Educomunicação aparece como alternativa. Norteados pelos princípios da Educomunicação está o projeto Educom.rádio, coordenado pelo professor Ismar de Oliveira Soares da ECA – USP (Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo). Um outro exemplo do rádio como instrumento para a promoção da cidadania juvenil é a rádio Palmares de Juiz de Fora, Minas Gerais. A rádio, situada num bairro da periferia do município, o São Benedito, se orgulha da intensa participação juvenil e funciona efetivamente como uma alternativa aos meios massivos.

Embora o rádio tenha um maior alcance, a mídia impressa também pode ser usada a favor da cidadania juvenil. Amarildo Carnicel (2005), no artigo “O jornal comunitário e a educação não-formal: experiências e reflexões”, cita um projeto de oficina de jornalismo realizado com jovens nas vilas Costa e Silva e Castelo Branco em Campinas, São Paulo. Segundo Carnicel, o projeto vislumbra a produção de um jornal comunitário como instrumento de educação não-formal.

Um outro projeto, que tem o rádio e o jornal entre seus instrumentos de promoção da cidadania juvenil, é o UFJF: Território de Oportunidades, promovido na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). A UFJF, que é pólo acadêmico e cultural de uma região de 2,5 milhões de habitantes no Sudeste do estado de Minas Gerais, além das atividades de graduação, pós-graduação e pesquisa desenvolve projetos de extensão, incluindo os de apoio à infância, terceira idade e à juventude. Dentre eles está o UFJF: Território de Oportunidades. O projeto inicialmente foi destinado aos jovens do entorno do campus universitário e depois ampliado para outros bairros, e busca reforçar a ação da Universidade como o campo democrático que deve ser, como um lugar para troca de conhecimento e aberto à comunidade, além de desenvolver atividades culturais com os alunos. Entre suas atividades está o projeto Jornal e Rádio no UFJF: Território de Oportunidades que têm como objetivo, através de suas duas oficinas (de jornal e de rádio), desenvolver o senso crítico dos adolescentes em relação à grande mídia levando-os a fazer uma leitura crítica dos meios, proporcionando a eles a possibilidade de aprender e compreender o processo de produção, edição e veiculação de notícias, e



contribuir para o seu exercício do direito à comunicação. Neste trabalho refletimos sobre tal experiência a partir de pesquisa quantitativa e qualitativa com os adolescentes.

Juventude, Comunicação e Cidadania

O histórico das políticas de atendimento a crianças e adolescentes no Brasil revela a negligência e o abandono com que, geralmente, se trata a infância e a juventude no país. De acordo com Viviane Massi (2001), o caminho para se chegar a conquistas como a elaboração do ECA (Estatuto da Criança e do adolescente) foi longo e árduo. E mesmo depois dessa conquista, os problemas não acabaram. O ECA, além de muitas vezes não ser respeitado, também não soluciona todos os problemas de nossos jovens.

Segundo Massi, desde a chegada dos portugueses ao Brasil até o fim do século XIX o modelo de assistência aos menores foi o caritativo, no qual os abandonados dependiam da caridade e beneficência humanas para sobreviverem. Atualmente o que podemos perceber é que o modelo caritativo ainda existe no país, pois, além de certas medidas socioeducativas não serem postas em prática como deveriam, algumas instituições de recuperação de adolescentes autores de atos infracionais não têm atividades pedagógicas, não se preocupam com a escolarização e profissionalização dos jovens e, certas vezes, nem as condições de higiene são adequadas.

Medidas são tomadas, como o Bolsa Escola e o Peti (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil), mas essas têm caráter paliativo, podem amenizar problemas, mas não os solucionam e tão pouco os evitam. As mudanças devem ser estruturais.

A reportagem “Um tiro no futuro”, da revista *Carta Capital* de dezembro de 2006 (edição 424), assinada por Phydia de Athayde, trouxe dados alarmantes sobre a mortalidade juvenil no país. Dentre as conclusões são destacadas três. A primeira: conquistas como a redução da taxa de mortalidade infantil nas últimas duas décadas podem se anular pelo crescimento de 306% nas taxas de homicídios de jovens de até 19 anos. A segunda: a perda de jovens no Brasil deixou de ser um problema de segurança pública para se tornar questão de saúde pública. A terceira: a taxa de mortalidade por arma de fogo é de 43,01 por 100 mil jovens entre 15 e 24 anos; em um ranking mundial desse tipo de morte, o Brasil ocuparia o primeiro lugar. Esses números alarmantes estão relacionados a fatores como a desigualdade social e a má distribuição de renda que mantém o país dividido.

Tais dados são da pesquisa Homicídios de Crianças e Jovens no Brasil – 1980-2002, realizada pelo Núcleo de Estudos da Violência (NEV) da USP. O trabalho, que



analisa um intervalo de 22 anos e compara estados e capitais brasileiras, revela que jovens entre 15 e 19 anos são as maiores vítimas de homicídios no país, correspondendo a 87,6% dos casos. Essas mortes ocorrem essencialmente onde há uma superposição de carências de todos os direitos socioeconômicos e, podemos inferir, que entre eles esteja o direito à comunicação. Outro dado revela que acidentes de trânsito e homicídios são juntos responsáveis por quase 60% da mortalidade juvenil. Os acidentes de trânsito vitimam 17,1% e os homicídios causam 39,7% das mortes de jovens.

A reportagem ainda apresenta constatações que revelam a segregação social e racial que assolam nosso país. As vítimas são fundamentalmente homens negros. Os jovens negros têm um índice de vitimização 85,3% superior aos brancos. Nessa perspectiva, em que todos parecem que se tornam inimigos, a sociedade tem de encontrar um “bode expiatório”: os jovens, os jovens negros que moram na periferia, que são vistos pela sociedade ao mesmo tempo como as grandes vítimas e grandes agentes da violência. A partir daí, Phydia de Athayde levanta uma questão muito importante: os jovens que são mortos nas favelas com certeza não são todos criminosos e mesmo que fossem isso não significa que deveriam morrer. A verdade é que o jovem pobre vive em um ambiente conflagrado e, mesmo que não seja criminoso, fatalmente está mais exposto ao crime.

Mas, nessa situação há bons e não raros exemplos de jovens que, embora tenham o perfil do “bode expiatório” da violência, mostram que pode ser diferente. É preciso apenas que haja oportunidade. Na reportagem é citado o exemplo dos jovens do projeto Mucca (Mudança com Conhecimento, Cultura e Arte) que se reúnem para assistir e debater filmes do cinema alternativo brasileiro.

Juiz de Fora ⁴ está longe de ser um exemplo de política de atendimento à infância e juventude, mas conta com iniciativas. O Pólo de Suporte às Políticas de Atendimento à Infância e Juventude, ligado à faculdade de Serviço Social da UFJF, tem como objetivo principal estabelecer um espaço de diálogo e construção de participação política para jovens e famílias. O projeto UFJF: Território de Oportunidades é vinculado ao Pólo de Suporte às Políticas de Atendimento à Infância e Juventude.

2

⁴- Segundo a enciclopédia eletrônica Wikipédia Juiz de Fora é o segundo maior município do estado de Minas Gerais com uma população estimada pelo IBGE de 517.297 mil habitantes. Está situada na Zona da Mata Mineira.



Em 2001, o Pólo realizou a pesquisa “Diagnóstico Social: Infância e Juventude em Juiz de Fora” sobre as políticas de atendimento à criança e ao jovem.

A pesquisa revelou a existência de ações fragmentadas e pontuais e que o município precisa de projetos e programas que visem amenizar e, por que não, solucionar a totalidade dos problemas da juventude.

Educomunicação e Cidadania

Para refletir sobre a Educomunicação e sua utilização como instrumento para a promoção da cidadania dos jovens, partimos da definição do termo. Para o NCE (Núcleo de Comunicação e Educação) da ECA/USP, a Educomunicação define-se como um conjunto das ações destinadas a integrar às práticas educativas o estudo sistemático dos mecanismos de comunicação, observar como os meios de comunicação agem na sociedade e buscar formas de colaborar com os alunos para conviverem com eles de forma positiva, sem se deixarem manipular; criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos e melhorar o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas.

Na página do Educom.rádio na internet, o professor Ismar de Oliveira Soares, supervisor geral do projeto, aponta que os objetivos principais da educomunicação são promover o acesso democrático dos cidadãos à produção e difusão da informação; identificar como o mundo é editado nos meios; facilitar o processo ensino-aprendizado através do uso criativo dos meios de comunicação; promover a expressão comunicativa dos membros da comunidade educativa. Para tal, o projeto utiliza o rádio que, de acordo com Soares, atua tanto como facilitador no processo de aprendizagem, quanto como recurso de expressão para alunos, professores e membros da comunidade.

Outros métodos de aliar a comunicação à educação foram desenvolvidos antes mesmo de se poder contar com o rádio. O pesquisador Mario Kaplún (1984) salientou que a opção pela comunicação participativa é em favor da educação e do desenvolvimento, além da ética, dentro da democracia. Ele apresentou e defendeu uma forma de comunicação horizontal entre grupos, o cassete-fórum, que tem como componentes tecnológicos o gravador e fitas cassetes e, como componente metodológico, o fórum – reuniões dos grupos para debater determinados temas as quais são gravadas e repassadas aos demais. O autor considerava que o rádio teria vantagens sobre o cassete, mas não estaria, entretanto, ao alcance da população.



É provável que seja mesmo o rádio o veículo com maior possibilidade de ruptura com o modelo de comunicação vertical imposto pela mídia tradicional ⁵. No artigo “Juventude e rádio comunitária Mega: uma parceria de moradores para inclusão social” de Cláudia Lahni e Evandro Luis Pereira Alonso, a busca pela comunicação alternativa é apontada como forma de contraposição aos meios comerciais, pela comunicação horizontal, permitindo acesso, participação e autogestão dos meios pela população. E a rádio Mega FM, que funcionou no bairro Santa Cândida em Juiz de Fora, é exemplo disso: “A Rádio Mega vem percorrendo um caminho que se traduz por preocupar-se com a comunidade, sem ter como principal foco a concessão. A emissora desenvolve atividades de valorização e auto-estima dos moradores, de conscientização através da informação e formação cidadã.” (LAHNI e ALONSO, 2004, p.144). Para os autores em uma região pobre da cidade, onde há falta de estrutura e o nível de instrução é baixo, o poder aquisitivo da maioria é escasso e a violência tende a aumentar gradativamente, a preocupação com a formação da juventude torna-se urgente. E, através da pesquisa mostrada no artigo, é constatado que a maior conquista da Rádio é a participação dos jovens e das crianças: “Uma mobilização social em torno de idéias, de informação, de cidadania é o principal objetivo da rádio Mega FM, que, além de promover uma integração da comunidade, age como veículo de expressão e formação cultural.” (LAHNI e ALONSO, 2004, p.145).

Para Cicilia Peruzzo, o direito a comunicar-se através dos meios tecnológicos que a humanidade desenvolveu e colocou a serviço de todos é um dos aspectos fundamentais da cidadania. Em palestra proferida por Peruzzo (2006), Direito à Comunicação, realizada no 4º Encontro Regional de Comunicação, a pesquisadora fez um breve histórico sobre a evolução da discussão da comunicação comunitária mundial. A palestrante destacou que desde 1960 a Unesco já trata do direito à comunicação. Mais de 40 anos se passaram e a comunicação continua sendo um direito pelo qual o cidadão comum precisa lutar. Segundo a pesquisadora, a comunicação é um direito fundamental para a cidadania de qualquer indivíduo e tem aplicação ainda mais relevante na construção da identidade e na conscientização política da juventude.

3

⁵- Assim como o rádio, a internet é apontada atualmente como mídia que permite grande participação do receptor, contrariando o modelo dominante de comunicação vertical. Todavia, o alcance das classes menos favorecidas a esse meio de comunicação ainda é bastante limitado no Brasil.



A experiência do rádio no UFJF Território de Oportunidades

O projeto UFJF: Território de Oportunidades surgiu a partir de um incidente ocorrido no Campus da Universidade; dois grupos de jovens enfrentaram-se e se agrediram durante um Domingo no Campus ⁶. Foi aí que nasceu a idéia de criar um projeto de extensão para atender esses jovens.

Maria Aparecida Tardin Cassab e Maria Carolina Ribeiro Portella (2006), coordenadoras do projeto, apontam a necessidade de se pensar na própria existência do Campus no espaço da cidade como outro fator que deve ser levado em conta. A UFJF está localizada entre dois bairros, Dom Bosco e a região de São Pedro (incluindo Jardim Casablanca, Adolfo Vireque, Nossa Senhora de Fátima), que têm grande número de jovens vindos dos segmentos subalternizados. É preciso, então, que existam alternativas para que o espaço da Universidade possa ser defendido como um espaço público e de oportunidades. O objetivo do projeto UFJF: Território de Oportunidades é que os jovens participantes atuem na produção das atividades e eventos, em sua realização, e como animadores culturais que estabeleçam elos entre os seus bairros e grupos de origem e as ações promovidas pela Universidade. Na primeira turma do projeto participaram 31 jovens ocupados em diferentes atividades e 19 concluíram o projeto ⁷. As atividades foram definidas a partir de uma compreensão da necessidade de inserção dos jovens na contemporaneidade. O projeto funciona dividido em três grupos:

1º grupo: oficinas, de Língua Estrangeira e Informática;

2º grupo: atividades de acesso à cultura e aos bens simbólicos socialmente produzidos e de forma desigual apropriados. São as atividades desenvolvidas no Fórum da Cultura; o Ciclo de Cinema, o Programa de Rádio Feminista e o Vídeo.

3º grupo: atividades que articulam a cultura a formas específicas de trabalho corporal. Neste grupo estão a Oficina de Capoeira e a Educação Física.

Dentre as atividades do 2º grupo estão as oficinas de rádio e jornal impresso, que fazem parte do projeto Jornal e Rádio no UFJF Território de Oportunidades. O projeto tem como objetivo, através de suas duas oficinas, desenvolver o senso crítico dos

⁶- O Domingo no Campus foi um projeto da UFJF que convidava os moradores do entorno da Universidade para participarem de uma série de atividades promovidas, no domingo, no campus da instituição.

⁷- Ao longo dos dois anos, período de permanência dos adolescentes no projeto, ocorreu evasão por motivos diversos: gravidez, alistamento militar, mudança de cidade, entre outros.



adolescentes em relação à mídia massiva, proporcionando a eles a possibilidade de aprenderem e compreenderem o processo de produção, edição e veiculação de notícias.

Contribuição ao exercício do direito à comunicação

Na oficina de rádio os alunos produzem informativos temáticos e multitemáticos, sendo responsáveis por todas as etapas de elaboração dos seus conteúdos, desde a pauta até a locução. Já na oficina de jornal eles participam da criação de textos noticiosos para um jornal impresso. Para isso receberam aulas sobre técnica de redação jornalística para jornal e rádio e participaram de conversas sobre comunicação. As produções das duas oficinas têm como foco principal o bairro dos jovens, o cotidiano que os cerca, visando fortalecer e valorizar a sua identidade. Em conjunto, estas duas oficinas procuram oferecer aos jovens uma visão ampla a respeito da comunicação em nossa sociedade, mostrando o papel transformador exercido pelo comunicador. Procura-se igualmente incentivar os jovens a encontrarem formas diferenciadas de representar o mundo e sua comunidade.

Os alunos começaram a oficina sentindo-se incapazes e terminaram com a autoestima mais elevada, especialmente quanto à sua capacidade de reflexão e expressão. Essa é a maior conquista da oficina de rádio: os jovens percebem que têm muito a dizer e que o fato de serem pobres e negros não os torna menos ricos culturalmente ou vazios de conhecimento. A seguir trataremos do rádio, que, juntamente do jornal, foi o veículo utilizado pelo projeto Jornal e Rádio no UFJF Território de Oportunidades e obteve resultados bastante satisfatórios.

Desenvolvimento do projeto

Os jovens participantes do projeto foram divididos em duas turmas que se alternavam entre a oficina de rádio e a de jornal. Cada turma teve três meses em cada atividade. A primeira turma produziu nove programas de rádio, sendo seis multitemáticos e três especiais temáticos. Já a segunda turma produziu quatro multitemáticos e dois especiais temáticos. A oficina teve a seguinte metodologia: No início os alunos tiveram aulas sobre o rádio: a linguagem, os tipos de rádio e concessões e as características específicas da rádio comunitária. Depois os alunos assistiram ao vídeo “Na boca da Lua” (1991), de Ana Ângela, Luiziane Lins e Zealberto Simonetti, que trata da influência de uma rádio comunitária de alto-falante em uma comunidade



com poucos recursos financeiros e destaca a sua utilização como veículo de manifestação e luta pelos interesses dos menos favorecidos⁸. Essa primeira fase da oficina foi concluída com o contato dos alunos com o estúdio de rádio e a prática da locução no rádio. Tanto na primeira quanto na segunda turma da oficina de rádio é interessante destacarmos a insegurança e excitação que os alunos demonstravam ao serem convidados a fazer locução no rádio, veículo em que, até então, em geral, participavam apenas passivamente, ouvindo músicas e escassas informações⁹. Não era raro ouvirmos lamentações do tipo “Eu não consigo fazer isso, eu não sei fazer isso!”. Essa parte introdutória, além de apresentar o rádio para os alunos tinha, justamente, o objetivo de quebrar a concepção do jovem paciente, de mostrar a ele que ele pode ser agente e trabalhar para que essas lamentações fossem abolidas da oficina e de suas vidas.

Já na segunda parte os jovens tiveram de produzir programas multitemáticos e especiais sob a supervisão de uma bolsista do projeto¹⁰. Os adolescentes participaram ativamente de todas as etapas da produção dos programas, elaboravam as pautas, os roteiros, apuravam as matérias, faziam entrevistas e editavam os programas. Os programas informativos foram focados no cotidiano dos alunos, ou seja, os temas abordados tinham cunho local, da cidade e do bairro deles, com notícias da escola, de eventos para jovens na cidade e em seus bairros, de esportes, entre outras. Já nos especiais, que foram a última parte da oficina, os alunos abordaram uma região do país. O especial da região Sul, por exemplo, apresentou a história e as características físicas da região, como o clima e a vegetação; a cultura e o folclore do Sul do Brasil.⁴

Pesquisa Participante

O método aqui utilizado é chamado Pesquisa Participante. No artigo *Da observação participante à pesquisa-ação em comunicação: pressupostos epistemológicos e metodológicos*, Círcia Peruzzo (2003) defende a importância da pesquisa participante para contribuir com a comunicação a favor de uma comunidade,

⁸ - No Ciclo de Cinema os jovens também assistiram e debateram também ao longametrage “Uma onda no ar”, 2002, de Helvécio Rattón. O filme conta a história da criação e desenvolvimento da Rádio Favela de Belo Horizonte.

⁹ - Alguns jovens disseram ter tido contato com rádios comunitárias próximas de suas casas.

¹⁰ - A equipe que integrava o projeto era composta por três bolsistas: Adriana Cònsolo, Fernanda Coelho e Samia Souza. A oficina de jornal impresso, em 2006, foi coordenada pela professora Luciene Tófoli e a de rádio pela professora Cláudia Lahni.



ou grupo envolvido. Esse método de pesquisa consiste na inserção do pesquisador no ambiente natural de ocorrência do fenômeno e de sua interação com a situação investigada. Os resultados da pesquisa participante podem, por exemplo, ajudar a resolver problemas de comunicação do grupo pesquisado e promover assim, a melhoria da sua qualidade de vida. Nesse caso específico, a acadêmica Fernanda Coelho, bolsista PIBIC, esteve presente nas oficinas, participando delas e auxiliando na sua realização; a professora Cláudia Lahni coordenou o projeto.

A pesquisa participante pode ser completada por outras técnicas como entrevistas e questionários, o que foi feito nesse trabalho. As entrevistas, semi-estruturadas, foram gravadas e feitas pela bolsista PIBIC Fernanda Coelho com três adolescentes, em dezembro de 2006. A seguir apresentamos os resultados da pesquisa mais significativos para este trabalho.

A) Questionários:

Ao fim da oficina de rádio com a primeira turma, em 2006, foram aplicados questionários aos jovens participantes com o objetivo de avaliar o trabalho realizado e observar as oportunidades de melhorias para os trabalhos futuros. O questionário continha três perguntas fechadas e quatro abertas. Também foram entrevistados três adolescentes, portanto a pesquisa contou com parte quantitativa e qualitativa.

A.1) Pesquisa Quantitativa:

? Quanto às dificuldades encontradas ao longo da oficina os maiores índices aferidos são:

- 46,6 % dos alunos tiveram uma dificuldade média de redigir os textos radiofônicos e 6,6 % tiveram muita dificuldade;

- 40% dos alunos encontraram pouca dificuldade de pesquisa;

- 40% dos alunos tiveram uma dificuldade média de contato com as fontes das matérias;

- 46,6% dos entrevistados tiveram pouca dificuldade de realizar entrevistas e

- 40% tiveram dificuldade média em fazer locuções no rádio.

? 53,3% dos entrevistados consideraram as aulas práticas ótimas e 46,6 % as consideraram boas.

? 93,3% dos alunos preferiram as aulas práticas às teóricas.

? 93,3% marcaram a resposta correta para a pergunta sobre rádio comunitária.

A.2) Parte Qualitativa:

? Você acha que mídia tradicional aborda as questões relativas aos jovens de forma séria? Por quê?

No total, 80% dos jovens entrevistados acham que a mídia tradicional não aborda as questões relacionadas aos jovens de forma séria. Dentre as justificativas para tal resposta estão: “A mídia acha que o jovem não pensa”, “A mídia acha que o jovem só se interessa por amenidades e diversão e não por assuntos mais sérios” e “A mídia vê o jovem como incapaz”.

? Você acha que os jovens têm espaço para expressar suas idéias e opiniões na mídia tradicional? Explique sua resposta.

No total, 60% dos entrevistados acreditam que os jovens não têm espaço para expressar suas idéias e opiniões na mídia tradicional. As justificativas para tal foram: “O jovem é mal visto pela sociedade”, “Falta confiança no jovem” e “O jovem não é levado a sério”.

? O que você vai levar como aprendizado da oficina de rádio para a sua vida? Responsabilidade; mais confiança para falar; facilidade de comunicação e a escolha da minha profissão; muita coisa: fazer comunicação, diferenciar o que ouço nas rádios; rádio não é só música é pesquisa e informação; rádio dá muito trabalho e pode ajudar a sociedade; como fazer locuções e textos de rádios; dar mais ouvidos às rádios comunitárias, produção e gravação; gravar um programa de rádio é difícil e prazeroso; rádios comerciais têm conteúdos medíocres, as comunitárias têm melhor conteúdo, fazer rádio é muito bom apesar da dificuldade; uma experiência inesquecível e a importância da rádio para a sociedade, levando informação.

B) Entrevistas:

B.1) Entrevista com Carlos Augusto Rodrigues Lopes, de 17 anos, aluno do 2º ano da Escola Estadual Estevão de Oliveira e morador do bairro Tupã.

? O que você acha de participar do UFJF Território de Oportunidades?

“Foi uma boa oportunidade que eu tive pra melhorar no meu futuro e na vida atual.”

? Qual é a sua avaliação sobre a oficina de rádio?

“Foi boa. Eu pude ter contato com o rádio, com várias coisas até sobre a Faculdade de Comunicação, como funciona, essas coisas assim.”



? Como você avalia a participação dos jovens em programas de rádio comercial?

“A participação é muito pouca. Mas, nessas rádios tipo a Rádio Cidade, é só para pedir música.”

? Como você acha que essa participação deveria ser?

“Ah, assim, deveria ter mais para o lado político, é... essas coisas, para procurar se informar mais sobre o dia-a-dia, essas coisas.”

? A participação na oficina de rádio mudou algo em sua vida? Se mudou o quê?

“Mudou. Porque antes eu pensava que o rádio não precisava disso tudo. Eu achava que pesquisava só na internet, não precisava de fontes, de entrevista, essas coisas assim. O meu modo de ver as coisas mudou. Antes eu só via as coisas no geral agora, eu observo os detalhes, as coisas como elas são.”

B.2) Entrevista com Raquel do Nascimento Cardoso, de 19 anos, moradora do bairro Dom Bosco, aluna do 3º ano do ensino médio da Estevão de Escola Estadual Estevão de Oliveira.

.? O que você acha de participar do UFJF Território de Oportunidades?

“Ah, eu acho muito importante porque a gente aprende várias coisas, participa de várias oficinas, eu gosto de participar, me faz bem.”

? Qual é a sua avaliação sobre a oficina de rádio?

“Eu gostei, achei bom porque a gente faz locução, aprende a fazer pauta, ah é muito bom! É bom também que a gente fica informado das coisas, a gente sabe o que tá acontecendo.”

? Como você avalia a participação dos jovens em programas de rádio comercial?

“A participação é só se for em música, o que é bom também porque faz parte do rádio, mas, também precisa de informação.”

? Como você acha que essa participação deveria ser?

“Acho que os jovens tinham que participar mais, prestar mais atenção nos assuntos, nas notícias, nos acontecimentos, sem ser os últimos a saber.”

? A participação na oficina de rádio mudou algo em sua vida? Se mudou o quê?

“Ah, mais ou menos. Antes eu não sabia como era um programa de rádio, como fazia locução, essas coisas, aí, agora eu já sei mais ou menos como funciona o trabalho no rádio. Ah, e depois da oficina de rádio eu fiquei mais informada, mais preparada para receber as notícias de jornal e rádio.”

B.3) Entrevista com Carlos Anthony Caetano da Silva, 17 anos, aluno do 2º ano do ensino médio da Escola Estadual Dom Orione, morador do bairro São Pedro.

? O que você acha de participar do UFJF Território de Oportunidades?

“Ah, nunca imaginava que ia estar aqui, nunca imaginava que ia conhecer isso tudo aqui (UFJF), grande parte daqui a gente só conheceu graças ao projeto. O projeto ajuda a gente no futuro, vai ajudar a gente no nosso futuro”.

? Qual é a sua avaliação sobre a oficina de rádio?

“No começo eu não gostava, daí eu passei a ver com outros olhos. É bom, é legal, é bom para ver a sociedade em geral, para entender as notícias em geral.”

? Como você avalia a participação dos jovens em programas de rádio comercial?

“Eu acho que o jovem na rádio não presta atenção em tudo, é mais pela música. Se a rádio toca uma música boa ali ele escuta mesmo. Mas por notícia, por... eu acho que não. E na produção do rádio, ele não participa muito, não tem espaço.”

? Como você acha que essa participação deveria ser?

“Bom, eu acho que os jovens poderiam buscar saber o que se passa dentro de uma rádio. Não só por ouvir uma música e tá gostando, vai do interesse de cada um. Eu acho que espaço até tem, mas tinha que ter mais.”

? A participação na oficina de rádio mudou algo em sua vida? Se mudou o quê?

“Mudou, mudou a maneira da gente ver as coisas no mundo, com certeza. As vezes a gente tem aquela opinião de que é chato, é isso, mas, se você parar para analisar direitinho, você vê que não é dessa forma, é bom pra você mesmo, pra sua família, pro seu dia-a-dia em geral. Eu aprendi bastante, nossa! Nunca imaginava que ia aprender a fazer uma locução de rádio, saber fazer uma notícia, nunca imaginei.”

Considerações finais:

Os dados sobre a situação atual da juventude pobre brasileira revelam a vulnerabilidade de nossos jovens e a importância de se fazer algo para resgatar sua cidadania. O que se pretendeu mostrar nesse artigo é não só a relevância de ações para promover esse resgate, como também mecanismos para tal. Como verificamos, os jovens excluídos, geralmente pobres e negros, não têm, via de regra, sua cidadania respeitada. Partindo-se do conceito de Peruzzo – “Cidadania quer dizer participação, nos seus múltiplos sentidos e dimensões, incluindo a cidadania cultural, que perpassa o



direito à liberdade de expressão” (2002, p.256) –, entende-se que a comunicação pode ser um instrumento para a promoção da cidadania juvenil.

No caso do projeto *Jornal e Rádio no UFJF: Território de Oportunidades* a pesquisa, quantitativa e qualitativa, realizada ao fim da primeira oficina, revelou resultados bastante satisfatórios. Podemos, a partir dela, aferir a eficácia de trabalhos com jovens tendo o rádio como instrumento. Os jovens se disseram mais conscientes do mundo que os cerca e demonstraram maior auto-estima e auto-confiança. Ao exercer o direito à comunicação eles experimentaram um dos fatores essenciais para o real exercício da cidadania.

Iniciativas envolvendo jovens no processo da comunicação, dando a eles o direito de expressarem suas idéias e colocarem suas vidas em foco, por um motivo diferente da violência, que é o mais freqüente motivo pelo qual eles se tornam notícia na mídia massiva, é um caminho para tentar mudar para melhor o destino dos jovens brasileiros menos favorecidos.

Referências:

ATHAYDE, Phydia de. Um tiro no futuro. *Carta Capital*. São Paulo, Ano XII, nº 424, 20 de dezembro de 2006, p. 12-19.

CARNICEL, Amarildo. O jornal comunitário e a educação não-formal: experiências e reflexões. In: FUSER, Bruno. (Org.). *Comunicação Alternativa: cenários e perspectivas*. Campinas, CMU-Unicamp, 2005, p. 45-74.

CASSAB, Clarice; RIBEIRO, Cinara Márcia de Azevedo; OLIVEIRA, Eduardo Henrique de; Luiz Vargas, Thaís. O trabalho com jovens no Projeto UFJF: Território de Oportunidades. In: CASSAB, Maria Aparecida Tardin. *Para Construir Espaços Solidários: uma metodologia de trabalho com jovens*. 2006, editora UFJF.

CASSAB, Maria Aparecida Tardin; PORTELLA, Maria Carolina Ribeiro. O Projeto UFJF: Território de Oportunidades. In: CASSAB, Maria Aparecida Tardin. *Para Construir Espaços Solidários: uma metodologia de trabalho com jovens*. Juiz de Fora, 2006, editora UFJF.

KAPLÚN, Mario. *Comunicación entre grupos – El método de cassette-foro*. Bogotá, Colômbia, Centro Internacional de Investigaciones para el Desarrollo, 1984.

LAHNI, Cláudia Regina; ALONSO, Evandro Luis Pereira. Juventude e Rádio Comunitária Mega: uma parceria de moradores para a inclusão social. *Principia*, Juiz de Fora, 2004, v. 9, p. 136-147.



LAHNI, Cláudia Regina. *Possibilidades de cidadania associadas à rádio comunitária juizforana Mega FM*. São Paulo, 2005, ECA – USP, Doutorado em Ciências da Comunicação.

MASSI, Viviane Pereira. *Comunicador pelos direitos da infância e da juventude, estudo de caso em Juiz de Fora*. Juiz de Fora, UFJF, 2001, Monografia de conclusão de curso.

PERUZZO, Círcia Maria Krohling. *Da observação participante à pesquisa-ação em comunicação: pressupostos epistemológicos e metodológicos*. Belo Horizonte (MG), trabalho apresentado no III Colóquio Brasil-Itália de Ciências da Comunicação, Intercom, 2003.

_____. Mídia Comunitária, Liberdade de Comunicação e Desenvolvimento. In: PERUZZO, Círcia Maria Krohling e FERREIRA DE ALMEIDA, Fernando. (Org.). *Comunicação para a cidadania*. São Paulo, Intercom, 2002.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação e Cidadania: A construção de um campo a partir da Prática Social. In: PERUZZO, Círcia Maria Krohling e FERREIRA, Fernando de Almeida. (Org.). *Comunicação para a cidadania*. São Paulo, Intercom, 2002.

Internet

www.usp.br/educorradio/cafe/cafe.asp?editoria=TPROF&cod=546 – consulta feita em 12 de maio e 29 de maio de 2006.

www.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal – consulta feita em 03 de maio de 2006.